

Falas entrelaçadas: os brasiguaios e a ocupação da Gleba Santa Idalina em Ivinhema-MS

Nelson de Lima Junior¹

Introdução

A ocupação da Gleba Santa Idalina localizada no município de Ivinhema-MS, ocorreu em meados de 1985, quando aproximadamente mil famílias de trabalhadores rurais denominados de brasiguaios, retornaram do Paraguai reivindicando um pedaço de chão apoiados pela Comissão Pastoral da Terra e influenciados pelas ideias de “ocupar e resistir”² do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

Para pensar a ocupação da Gleba Santa Idalina que na década de 1980 correspondia a 18 mil hectares de “propriedade” da Sociedade de Melhoramento e Colonização (Someco S/A), se faz necessário alencar outras questões como o processo de imigração de trabalhadores rurais para o Paraguai, bem como a organização do movimento de retorno, ocupação e a construção da identidade brasiguai que foi acionada como bandeira de luta pela terra pelos retornados.

O termo brasiguai foi cunhado em 1985 e partir de então ganhou várias definições tanto pela imprensa, como pelos próprios sujeitos que assim se denominavam. Nas fontes impressas podemos observar as seguintes definições: *“lavradores brasileiros (...) que tiveram como única alternativa para sobreviverem na terra, depois de migrarem para diversos estados do sul do país, as terras férteis do Paraguai, na faixa de fronteira”*. (JST, 1985, nº43, p.10), *“brasileiros que deixaram o Paraguai, expulsos pela repressão da ditadura, em busca de asilo em sua própria pátria”* e um *“grupo de brasileiros que trabalhavam no Paraguai e que armaram acampamento em Mundo Novo à espera da reforma agrária”* (O Progresso, 1985, nº4132, p.1-7) e *“lavradores brasileiros que trabalham no Paraguai e tiveram que*

¹ Mestrando do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados (PPGH-UFGD). Email: nelson_ivi@hotmail.com

² Jornal Sem Terra, nº48, p1,1985.

voltar movidos pela pressão do trabalho quase escravo a que lá estavam submetidos". (O GLOBO, 1985, p.7).

Nas narrativas orais o termo ganha outros significados, como o do trabalhador rural João que ao ser perguntado expressou “[...] *esse termo brasiguaió é por causa que é Brasil e Paraguai né, aí deram o nome de Brasiguaió, porque era um povo brasileiro que morava no Paraguai, então deram este nome de brasiguaió*”. (Novo Horizonte do Sul, 25 de junho de 2014). Já para a trabalhadora Inês Maria Alvarenga Alves, brasiguaió é “*o brasileiro que entrou no Paraguai e morou dez, quinze, vinte anos, não importa, entrou dentro do Paraguai é um brasiguaió*”³.

Todavia o trabalhador rural Jovercino Francisco dos Santos, destacou “*eu não acho muito certo não, que eu quero ser é brasileiro, brasileiro. Se a gente é brasileiro não tem nada com Paraguaio não. (Risos)*.” Assim observa-se que a identidade brasiguaió surgiu para diferenciar este movimento dos demais movimentos de luta pela terra como MST, CUT, FETAGRI, entre outros.

A imigração de brasileiros para o Paraguai ocorreu em três momentos distintos, sendo o primeiro se iniciado em 1950 com a imigração de fazendeiros e empresários, o segundo entre 1960 e 1970 de trabalhadores rurais que se estabeleceram no Paraguai para trabalhar nas terras adquiridas pela primeira leva de imigrantes (brasiguaios). Já o terceiro movimento aconteceu em 1980, com os desalojados da Itaipu Binacional, em número bem menor.

1.1 “A gente foi em busca de terra para plantar”

A vários fatores que contribuíram para a imigração de trabalhadores rurais para o Paraguai, dentre eles destacam a modernização da agricultura e o aumento dos latifúndios do lado brasileiro. Já do lado Paraguai a propaganda de terras fartas e baratas chamou a atenção de trabalhadores oriundos principalmente dos estados do Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Minas Gerais.

É possível observar nas narrativas de alguns brasiguaios que participaram da ocupação da Gleba Santa Idalina em Ivinhema, que suas trajetórias se configuram na perspectiva da busca de melhores condições de vida, uma forma de reprodução social e anseio pela terra. A brasiguaió Cirila Martins da Silva ao ser questionada sobre o motivo que a fez se mudar para o Paraguai, mais especificamente para

³ ENTREVISTA. Inês Maria Alvarenga Alves. 52 anos. Novo Horizonte do Sul. 14/01/2015.

Salto del Guairá relatou que “a falta de terra pra trabalha, não tinha terra”. Em conformidade o trabalhador rural Jovercino narrou que:

Meu sonho era esse mesmo. Eu fui pro Paraguai porque aqui no Brasil eu fiquei sem jeito. No Paraná mesmo a terra era muito caro, não tinha como a gente comprar e lá tinha os direitos de posse e a gente comprava baratinho. Aí eu falei, eu compro e trabalho, talvez as terra é boa aí a gente tira algum conforto e depois compra no Brasil⁴.

No Paraguai os trabalhadores rurais se estabeleceram como arrendatários, agricultores e colonos nas regiões de Santa Rosa, Canandu, Cuerpo Christi, Alvorada, Guaivirá, Santa Clara, Figueira, Maracajú, Caarapã, Ponte Kirrá e Guadalupe. Ao serem perguntados da chegada no Paraguai os brasiguaios evidenciaram que *“Lá era uma terra produtiva né, uma terra que produz bem. Lá a nossa lavoura era soja, milho, já era a época de soja e milho. Lá as terras era tocadas como arrendamento”*⁵. O brasiguai Luiz narrou que as terras *“era arrendado, nós tinha um sitio em Japorã, mais a gente tocava seis alqueires de terra lá, como era grande né, aí a renda lá pagava 15%, pegava uma parte pra planta capim né, trabalhamos três anos lá”*.⁶ Em outro momento destacam a compra de terras como nos mostrou o brasiguai João ao narrar que *“A gente morou na divisa mesmo com o Paraguai, eu e meus país na época né, ficamos morando na divisa do Paraguai né com o Brasil. [...] meus país tinham propriedade lá”*.⁷

Cabe destacar que estes sujeitos já configuravam em suas trajetórias uma história como migrantes em solo brasileiro. Como exemplo; temos o trabalhador rural Pedro Luiz de Lima:

Eu nasci em Maringá-Paraná, de Maringá nós veio para Dr. Camargo, de Dr. Camargo viemos para Altônia e em setembro de setenta e cinco viemos para Mundo Novo, onde hoje é o Distrito de Japorã. [...] a gente tocava terra na fronteira, na internacional, na fazenda Doutora Ana Rosa⁸.

Na fala do brasiguai, a busca pela terra aparece como fator da migração, no tocante que é da terra e de todos os bens produzidos da terra que o trabalhador rural reproduz sua existência. Martins ao trabalhar a sociabilidade do homem simples destaca que *“o que se propõe à vida de todos os dias do homem*

⁴ ENTREVISTA. Jovercino Francisco dos Santos. 73 anos. Novo Horizonte do Sul. 25/06/2014.

⁵ ENTREVISTA. Cirila Martins da Silva. 55 anos. Novo Horizonte do Sul. 24/10/2015.

⁶ ENTREVISTA. Luiz Pereira Alves. 50 anos. Novo Horizonte do Sul. 14/01/2015.

⁷ ENTREVISTA. João Francisco dos Santos. 50 anos. Novo Horizonte do Sul. 25/06/2014.

⁸ ENTREVISTA. Pedro Luiz de Lima. 60 anos. Novo Horizonte do Sul. 24/10/2014.

contemporâneo não é a racionalidade ilimitada, mas seus problemas, sua inconclusividade, suas dificuldades. O homem comum tem de descobrir e inventar caminhos para superá-las". (MARTINS, 2000, p.21).

A formação de redes de informação também contribuíram para a imigração, uma vez que se estabeleceram contatos entre quem já estava no Paraguai e os pretendiam imigrar *"eu tinha conhecidos que já morava lá e chamou, indicou, disse que lá era bom, disse que lá produzia muito e produzia mesmo, soja, milho, feijão"*. Em outros casos iam apenas os homens para conhecer o local e depois a família como narra o brasiguai Luiz *"eu cheguei no Paraguai era meio menino ainda, em setenta e oito [...] O pai que era mais, o Pai entrou em setenta e dois no Paraguai, em Guadalupe, meu pai tinha terra lá, ele requereu direito de posse"*⁹.

A partir da narrativa do brasiguai chamamos atenção para o fato de que muitos imigrantes adquiriam terras que não possuíam escrituras sendo apenas repassado um título de posse de origem duvidosa.

Nos primeiros anos para permanecer em solo paraguaio os trabalhadores rurais brasileiros tinham que pagar o permiso e a libreta, documentos que *"asseguravam"* estes temporariamente no Paraguai.

Do cotidiano¹⁰, os brasiguaio relataram as mais variadas situações, dentre elas os tipos de moradias simples, o lidar com a terra, as dificuldades na abertura de estradas, o *"cruzar"* a fronteira em busca de hospitais brasileiro, o ensino realizado na língua castelhana e guarani, e as dificuldades em se manter em solo estrangeiro a partir da década de 1980. O trabalhador rural José ao falar da vida no Paraguaio narrou:

Era a mesma coisa de você morar na casa do seu irmão, não era sua casa. Então você ia morar no Paraguai, num país que não era o seu [...] as moradias na época era precárias de coqueiro e de tabuinha, um rancho de chão [...] as estradas era difícil porque a gente que tinha que manter [...] a escola não tinha nada diferenciado de brasileiro, era do Paraguai, então escola era pra paraguaio. Se o brasileiro quisesse entrar tinha que estudar em castelhano e guarani¹¹.

O *Jornal Sem Terra* sobre as dificuldades encontradas pelos imigrantes destacou que:

⁹ ENTREVISTA. Luiz Pereira Alves. 50 anos. Novo Horizonte do Sul. 14/01/2015.

¹⁰ O conceito de cotidiano aqui empregado vai em direção as discussões postas por José de Souza Martins em *A Sociabilidade do Homem Simples*.

¹¹ ENTREVISTA. José Roberto dos Santos. 60 anos. Novo Horizonte do Sul. 29/12/2015.

As pressões vão de torturas físicas, prisões sem motivos, perseguições e a perda de todos os bens inclusive a colheita, que é tomada pelas autoridades daquele país em troca da permanência em seu território. Setenta por cento são clandestinos, pois não possuem o permíso, autorização de permanência. Quando conseguem colher e passar seus produtos para o Brasil, a Polícia Federal apreende dizendo ser contrabando¹².

Em conformidade com a publicação acima, temos a fala do brasiguai João:

Então, muitos era ameaçado dessa forma, muitos os paraguaios deixavam plantar da maneira que quisesse, que queriam e depois ameaçavam os brasileiros que tavam lá dentro, nem todos e os brasileiros era obrigado a sair de lá e vir embora pro Brasil às pressas e deixar sua plantação lá¹³.

Desta forma, estes trabalhadores rurais que se deslocaram para o Paraguai no anseio de buscar um meio de reprodução social com a terra, encontraram uma realidade totalmente diferente como opressão e exploração por parte do governo paraguaio. Neste contexto de dificuldades, os imigrantes iniciaram um movimento de retorno para o Brasil engajados nos movimentos sociais de luta pela terra, sendo apoiados pela Comissão Pastoral da Terra e motivados pela elaboração do Plano Nacional da Reforma Agrária (PNRA)¹⁴.

1.2 “Nóis queria sair da casa do vizinho”

A organização do movimento de retorno ocorreu no município Sul-Matogrossense de Mundo Novo, porém as reuniões eram realizadas em solo paraguaio, como narrou Sérgio Cruz:

A organização, as decisões foram tomadas dentro de Mundo Novo e não só em Mundo Novo, como em Paranhos e algumas cidades da fronteira. O centro da atividade política era em Mundo Novo, então ali que o pessoal, ali que o pessoal decidia, agora as decisões eram tomadas pelos próprios brasiguaio. Tinha uma base de apoio lá em Mundo Novo desse pessoal de sedente, do sindicato, mas todas as decisões eram tomadas pelo próprio pessoal que estava dentro do Paraguai¹⁵.

¹² Jornal Sem Terra, nº43, 1985, p.10.

¹³ ENTREVISTA. João Francisco dos Santos. 50 anos. Novo Horizonte do Sul. 25/06/2014.

¹⁴ A Proposta do PNRA foi elaborada por mais de 100 técnicos, divididos em 27 comissões. Cinco lavradores da Executiva Nacional e dois assessores indicados pelo Movimento Sem Terra também participaram de sua elaboração. O seu principal objetivo era desapropriação dos latifúndios improdutivos e distribuí-los aos trabalhadores rurais sem terra. As desapropriações seriam feitas com base no Estatuto da terra.

¹⁵ ENTREVISTA. Sergio Cruz. 72 anos. Campo Grande-MS. 21/07/2014.

Em reunião com as lideranças do movimento o então Ministro Nelson Ribeiro salientou segundo o Ex Deputado Sergio Cruz que:

Essa reunião aqui foi feita com o Ministro Nelson Ribeiro, foi o primeiro Ministro da Nova República. Fizemos com ele lá e eu me lembro que nós fizemos duas reuniões com ele. Uma reunião antes do pessoal vir, do pessoal voltar, então tivemos lá com ele e ele me disse: *olha com o pessoal no Paraguai eu não posso fazer nada*, então quer dizer, ele sinalizou a vinda do pessoal, que se o pessoal viesse ele podia fazer algumas coisa. E o pessoal veio, nós voltamos lá e ele desapropriou Idalina, desapropriou toda a área, que dizer ele assumiu a promessa¹⁶.

Desta forma as primeiras famílias começaram a chegar em Mundo Novo-MS em 14 de junho de 1985, passando pelo Distrito de Japorã. Sobre a vinda para Mundo Novo-MS a brasiguia Inês destacou “*nós não trazemos mudança, só os buchos, os galos de briga*”¹⁷. O acampamento foi levantado em uma área do pátio da prefeitura de Mundo Novo, o qual ficou conhecido como *cidade lona*. A jornalista Cácia Cortez em seus escritos sobre os brasiguaios narrou:

O acampamento era um território distinto. Um espaço geopolítico organizado de forma a solucionar mesmo que precariamente os momentos de crise de seus habitantes e o agravamento das condições vivida internamente. Uma morada provisória, emergencial, em contraste com o seu vizinho, mais barulhento e hostil, que era a fortaleza política da cidade, o centro do poder e das decisões a prefeitura municipal. (CORTEZ, 1992, p.75-76).

Para as lideranças só estando debaixo do barraco de lona é possível conquistar a terra. Neste local as famílias organizaram formas de resistência como a criação de comissões de segurança e saúde, contando com o apoio da Comissão Pastoral da Terra. O acampamento contava com aproximadamente 4000 mil pessoas divididas em 22 grupos que levava o nome do local onde residiam no Paraguai.

Segundo Silva:

A organização do acampamento exige o atendimento imediato a algumas necessidades básicas que dependem do próprio grupo, independente das respostas às que começam a fazer junto aos organismos públicos. O que fazer com as crianças, como organizar a alimentação das famílias, como garantir a segurança interna e externa, onde e como buscar solidariedade. (SILVA, 2004, p.63).

¹⁶ ENTREVISTA. Sergio Cruz. 72 anos. Campo Grande-MS. 21/07/2014.

¹⁷ ENTREVISTA. Inês Maria Alvarenga Alves. 52 anos. Novo Horizonte do Sul. 14/01/2015.

Neste sentido, os brasiguaios montaram uma comissão de segurança “*composta por quarenta homens em média, que se revezavam na vigilância dos barracos*”. (CORTÊZ, 1992, p.72). No Entanto a escassez de alimentos e a proliferação de doenças era um dos principais problemas enfrentados. A falta de saneamento, combinado com calor nos barracos de lona e água quente contribuíam para o surgimento de doenças principalmente em crianças, como nos relatou a brasiguaia Inês:

O sofrimento era ficar debaixo da lona com o sol quente, água quente. Inclusive quando eu cheguei tava morrendo muita criança [...] Aí o que eu fazia, quando dava dez horas eu dava almoço para as minhas crianças e eu já saía para a rua, eu ficava sentada na porta dos comércios, de loja e quando dava sede eu ia e pedia um golinho de água pra gente, eu sempre dava água fria para as minhas crianças e eu fazia isso todo dia para não ficar debaixo da lona¹⁸.

Do dia a dia no acampamento o trabalhador rural Luiz salientou:

[...] rapaz dentro do acampamento não é fácil não, hoje a gente viaja e vê na beira da estrada o pessoal acampado e se fosse pra mim entra de novo num barraco pra ganhar um lote assim, eu não tinha coragem mais não. (Risos). Porque não é fácil não, a vida é sofrida. A gente via o pessoal lá, porque a gente tinha uma “condiçãozinha”, não era lá essas coisas, mas a gente tinha algum. O pessoal sofreu muito, muita gente sofreu, perdeu família, crianças, idosos, é difícil porque vida de acampamento você vê que não tem condições sanitárias. É complicado, mas na época quando a gente tava lá, tinha as lideranças, era bem organizado, mas nunca deixa de ser, não é igual quando você tem a sua casa, lá por mais que você cuidava, era tudo junto né, porque tinha muitas famílias morando numa ¼ de terra ali¹⁹.

Os brasiguaios ficaram acampados neste local seis meses, quando foi organizada a ocupação de uma área de terra conhecida como Gleba Santa Idalina. Pode-se perguntar o porquê de ocupar a Gleba Santa Idalina? Em primeiro lugar este território já havia sido ocupado em 1984 por famílias de sem-terra, organizadas pela CPT. Outra justificativa era que a CPT já conhecia a situação duvidosa dessas terras que pertenciam a SOMECO S/A.

1.3 Da ocupação à conquista da terra

Vieram primeiramente para a Gleba cerca de trinta lideranças brasiguaiais para guarnecer a Gleba e localizar um local para levantar o acampamento. Estes

¹⁸ ENTREVISTA. Inês Maria Alvarenga Alves. 52 anos. Novo Horizonte do Sul. 14/01/2015.

¹⁹ ENTREVISTA. Luiz Pereira Alves. 50 anos. Novo Horizonte do Sul. 14/01/2015.

ficaram na localidade por aproximadamente um mês quando retornaram a Mundo Novo-MS para organizar o deslocamento das demais famílias.

Motivados pela promessa de desapropriação posta pelo Ministro Nelson Ribeiro, os trabalhadores rurais se deslocaram para o que chamaram de “terra definitiva”. Cabe destacar que apenas as lideranças sabiam o local exato da ocupação que não foi repassado para os demais, pois temiam um possível confronto com a SOMECO S/A e as autoridades locais ao chegar na Gleba.

O transporte foi feito em caminhões e ônibus fretados. A chegada na Gleba foi marcada pela sensação de esperança, como nos mostra a fala do trabalhador rural João “olha, a gente veio na esperança de conseguir a terra, essa esperança a gente tinha, de luta e conseguir a terra e os nossos objetivos que era cuidar da nossa família”.

Sabendo da ocupação a Polícia Militar de Ivinhema deslocou-se até a Gleba procurando as lideranças responsáveis pela ocupação. No curso desses conflitos, a SOMECO S/A procurou estratégias para retomar a área ocupada, como nos mostra os relatos:

[...] num momento ela não reagiu assim, porque tinha o INCRA, mas num determinado tempo, de três a quatro meses, a Someco entrou com um mandado judicial ali no toco do Ipê com um maquinário que ia entrar pra fazer o despejo, aí o pessoal do INCRA ficou sabendo em Ivinhema eu não sei de que forma que vazou a conversa, aí o pessoal foi pra divisa ali, o INCRA, o pessoal. Ficamos duas semanas lá nós do lado de cá e eles do lado de lá da fazenda. Aí foi indo, foi desapropriado a Someco, eles se retiraram e a gente ficou aqui e deu certo²⁰.

Outros entraves foram decorrentes da extração de madeira da Gleba pela SOMECO S/A que temendo perder as terras decidiu extrai-las.

O acampamento passou a ser um espaço onde fortaleceu a identidade de luta desses trabalhadores rurais. Segundo Silva:

O acampamento é o momento em que as famílias se organizam e passam a ocupar uma área de terra, nem sempre necessariamente improdutivo. Essa prática serve como importante instrumento, visa mesmo chamar a atenção para as suas reivindicações e, do mesmo modo, forçar uma determinada desapropriação. (SILVA, 2004, p.61).

Na Gleba Santa Idalina os brasiguaios enfrentaram as mesmas dificuldades encontradas em Mundo Novo-MS, como escassez de alimentos, proliferação de doença, além de serem vigiados pela Polícia Militar, INCRA e SOMECO S/A.

²⁰ ENTREVISTA. Luiz Pereira Alves. 50 anos. Novo Horizonte do Sul. 14/01/2015.

Segundo a brasiguiaia Cirila “todos tinham medo né de ser despejados de novo”. Todavia o medo e as incertezas só eram amenizados pela presença de agentes mediadores da Comissão Pastoral da Terra que moravam no acampamento e cuidavam da saúde e educação dos acampados.

As famílias foram divididas em grupos como nos mostra a narrativa:

Já foi organizado lá os líderes e foi dividindo em grupos, grupo Santa Rosa, grupo da Represa, grupo da Água da Onça, sabe! foi dividido em grupos de pessoas, então as pessoas já sabiam pra onde iam, já vinha sabendo pra não ficar todo mundo, porque não tinha jeito de ficar todo mundo junto, era muita família²¹.

A partir da ocupação, à Gleba até então conhecida como Santa Idalina passou a ser chamada pelos brasiguaiaos de Novo Horizonte que expressavam a esperança da conquista da terra:

[...] é, essa área que a gente tá, ela se chamava Gleba Santa Idalina, né que foi onde a gente ocupou a primeira vez né, depois a segunda vez conseguimos e ocupamos ela e depois ela virou Gleba Novo Horizonte. Foi um nome que fizeram pra ficar no nome da fazenda Santa Idalina, pra não dar o nome da fazenda que era, aí deram o nome de Gleba Novo Horizonte né²².

Os brasiguaiaos ficaram acampados cerca de um ano, vivendo em barracos de lona, dormindo em camas improvisadas, cozinhando em fogões de lenha, entre outros, até a desapropriação da Gleba e entrega dos lotes em 1986.

O *Jornal Sem Terra* em publicação destacou que a “posse da terra virou ato político”, ao descrever a entrega dos títulos aos brasiguaiaos:

O avião do governador do Mato Grosso do Sul pousa no campo de aviação de Ivinhema, ao sul do Estado trazendo o Ministro Nelson Ribeiro, o governador Wilson Barbosa Martins, os secretários da Agricultura, Trabalho e Justiça, políticos e outras autoridades estaduais. Debaixo de muita chuva e com muita lama percorrem 70 quilômetros de carro até chegar à Gleba Novo Horizonte, onde estão acampadas quase mil famílias de brasiguaiaos, agricultores brasileiros expulsos do Paraguai. A presença do ministro na área é para dar posse a estes lavradores nas terras, mais de 18 mil hectares desapropriados da empresa SOMECO. Nelson Ribeiro aproveita a oportunidade para discursar. Diz, entre outras coisas, que “a terra é o legítimo direito do trabalhador”. (JST, 1986, p.7).

O sorteio dos lotes foi realizado de acordo com os grupos de acampados, bem como decidido em qual localidade da gleba as famílias iriam residir. Com a

²¹ ENTREVISTA. Cirila Martins da Silva. 55 anos. Novo Horizonte do Sul. 24/10/2015.

²² ENTREVISTA. João Francisco dos Santos. 50 anos. Novo Horizonte do Sul. 25/06/2014.

conquista da terra, o lote passou a ser chamado de sítio e ganhou outros sentidos. A luta a partir de então passou a se concentrar na busca de infraestrutura e recursos para construção de estradas, escolas e postos de saúde, e financiamento para permanecer na terra, comprar criações, preparar a terra e plantar.

Considerações Finais

As trajetórias desses trabalhadores rurais que ocuparam a Gleba Santa Idalina possibilitaram a tessituras de novas histórias. Inseridos nos movimentos sociais de luta pela terra os brasiguaios colocaram em evidência a situação de muitos brasileiros no Paraguai. O apoio da CPT fortaleceu o movimento, principalmente pelo caráter midiático na divulgação da luta em periódicos da CPT e do MST.

Pensando a construção do sujeito brasiguai, observamos que este é o trabalhador rural que imigrou para o Paraguai na busca pela terra e se utilizou desta denominação enquanto bandeira de luta num contexto de resistência. A partir da conquista da terra nota-se entre os entrevistados que este termo deixou de ser acionado pelos mesmos ao longo do tempo. O “brasiguai” aparece nas falas apenas quando se reportam a luta pela terra, o acampamento de Mundo Novo-MS e ocupação da Gleba Santa Idalina.

A Gleba Santa Idalina chamada pelos acampados de Gleba Novo Horizonte se tornou em 1986 o Projeto de Assentamento Novo Horizonte que em 1988 já contava com um núcleo urbano. Com o aumento da organização dos assentados, desenvolvimento da produção e a formação de lideranças políticas, os assentados conquistaram a emancipação política-administrativa em 1991, sendo criado assim o município de Novo Horizonte do Sul.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, José Lindomar C. *A dinâmica das fronteiras: os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai*. São Paulo: Annablume, 2010.

BATISTA, Luiz Carlos. *Brasiguaios: caminhos e lutas pela liberdade*. Campo Grande, MS; Ed. UFMS, 2013.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CORTEZ, Cacia. *A travessia do Rio dos pássaros: ocupação da Gleba Santa Idalina em Ivinhema-MS*. BH, 1985.

CORTÊZ, Cácia. *Brasiguaios: os refugiados desconhecidos*. São Paulo: Brasil-agora, 1992.

FERREIRA, Marieta de Moraes, e AMADO, Janaína (org.). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

MARTINS, José de Souza. *A sociabilidade do homem simples*. São Paulo: Hucitec, 2000.

_____. *Não há terra para plantar neste verão: o cerco das terras indígenas e das terras de trabalho no renascimento político do campo*. Petrópolis. Editora Vozes, 1988.

POLLAK, Michel. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2 n.3, 1989, p.3-15.

RESCIGNO, Jesus Eurico de Miranda. *A luta pela terra em Mato Grosso do Sul (1978-1992): a participação da Comissão Pastoral da Terra (CPT)*. Campo Grande. Ed, UFMS, 2010.

SILVA, Cristiani Bereta da. *Homens e mulheres em movimento: relações de gênero e subjetividade no MST*. Florianópolis. Momento Atual, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *A produção social da identidade e da diferença*. In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward, 13.ed, Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WARREN, Ilse Scherer. *Movimentos sociais de luta pela terra*. In: Movimentos sociais em redes de diálogos: assentamentos rurais, educação e direitos humanos. Org. Alzira Salete Menegat e Veronica Aparecida Pereira, Dourados-MS, Ed.UFGD, 2013.

Fontes orais

ENTREVISTA: Cirila Martins da Silva. (Digital) Produção: Nelson de Lima Junior, Novo Horizonte do Sul: 24/10/2014: 22 min. (sonorização).

ENTREVISTA: Inês Maria Alvarenga. (Digital) Produção: Nelson de Lima Junior, Novo Horizonte do Sul: 14/01/2015: 36 min. (sonorização).

ENTREVISTA: João Francisco dos Santos. (Digital) Produção: Nelson de Lima Junior, Novo Horizonte do Sul: 25/06/2014: 27 min. (sonorização).

ENTREVISTA: Jorge Gomes de Araújo. (Digital) Produção: Nelson de Lima Junior, Novo Horizonte do Sul: 29/12/2015: 33 min. (sonorização).

ENTREVISTA: José Roberto dos Santos. (Digital) Produção: Nelson de Lima Junior, Novo Horizonte do Sul: 29/12/2015: 01:05:47 h. (sonorização).

ENTREVISTA: Jovercino Francisco dos Santos. (Digital) Produção: Nelson de Lima Junior, Novo Horizonte do Sul: 25/06/2014: 22 min. (sonorização).

ENTREVISTA: Luiz Pereira Alves. (Digital) Produção: Nelson de Lima Junior, Novo Horizonte do Sul: 14/01/2015: 29 min. (sonorização).

ENTREVISTA: Pedro Luiz de Lima. (Digital) Produção: Nelson de Lima Junior, Novo Horizonte do Sul: 24/10/2014: 27 min. (sonorização).

ENTREVISTA: Sergio Cruz. (Digital) Produção: Nelson de Lima Junior, Campo Grande: 21/07/2014: 50 min. (sonorização).

Fontes impressas

Posse da terra vira ato político. **Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**. São Paulo, Março de 1986, Ano V, nº50.

Paraguai ameaça os “brasiguaios”. **Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**. São Paulo, Março-Maio de 1985, Ano IV, nº43.

Wilson diz que políticos não devem faturar em cima da reforma agrária. **Jornal O Progresso**. Dourados, Agosto de 1985, Ano 35, nº4132.